

RESENHA

Robinson Grangeiro Monteiro

MACCULLOUGH, Marti et al. **Fundamentos pedagógicos**. São Paulo: ACSI – Brasil, 2005. 155 pp.

O livro intitulado “*Foundations of Christian School Education – Section 3 – Instructional Foundations*” faz parte de uma trilogia publicada pela Purposeful Design, uma divisão da ACSI (Associação Internacional de Escolas Cristãs). Enquanto os dois outros volumes se preocupam com os fundamentos bíblico-teológicos e com os fundamentos psicológicos, este se destina especificamente a aplicar tais princípios com o propósito de ajudar os educadores a desenvolverem uma estrutura educacional inteiramente bíblica.

Assim, “o foco se volta para o aluno”, visto que “a maior responsabilidade de qualquer professor é capacitar o aluno para a aprendizagem”. Assumindo sem titubear que “o objetivo bíblico de cada aluno é conhecer a Cristo e se tornar cada vez mais semelhante a ele”, o livro trata de assuntos que vão desde a filosofia educacional e o desenvolvimento do currículo, passando pela avaliação, pelo desenvolvimento moral e do caráter e pelas técnicas de disciplina, até a inclusão de alunos especiais e a inserção dos alunos na realidade do mundo.

No capítulo inicial, MacCullough, que atualmente trabalha como diretora da Faculdade de Educação da Universidade Bíblica da Filadélfia, parte da pergunta “De que maneira os seres humanos aprendem?” para estabelecer o que é uma filosofia educacional. Ela adverte inicialmente sobre um pretense ecletismo generalizado entre os professores, ressaltando de que os inúmeros métodos equivalem de alguma forma às abordagens gerais ou modelos de aprendizagem, com conseqüente perda de coerência e eficácia. É preciso uma filosofia educacional, isto é, um “conjunto de convicções que fundamentam a abordagem educacional”, baseados numa filosofia de vida (cosmovisão), que sirva de base para uma determinada teoria de aprendizagem e um modelo de aprendizagem, inclusive com modelo de ensino, plano de aula e métodos.

Ao discutir os três conceitos básicos relacionados com a natureza acional dos seres humanos – passivo, ativo (ou pró-ativo) e interativo –, ela faz uma opção clara pelo último, que define como o não equiparar “a aprendizagem com um simples desdobramento de impulsos internos, nem exclusivamente com o processo de condicionamento que age sobre o ser humano a partir do seu externo”. Ela explica, com certa caricaturização, que enquanto no comportamentalismo (passivo) “o professor é tudo! O modelo de ensino é centrado no professor”, e no humanismo e existencialismo (ativo) “o aluno é tudo! O modelo de ensino é centrado no aluno”, o interacionismo cognitivo propõe que “o modelo de ensino seja centrado na aprendizagem”.

Neste ponto, a autora, reconhecendo que “a Bíblia não é um livro didático sobre a teoria da aprendizagem”, levanta a questão sobre qual modelo se encaixa melhor no conceito de humanidade revelado nas Escrituras, propondo que “o conceito bíblico afirma que a verdade é exterior à mente cognitiva, e que o conhecimento (a verdade) é possível pelo fato de a mente (interior) ter sido criada para conhecer a verdade”.

A questão seguinte – “de que maneira os três conceitos acerca da natureza acional conduzem a diferentes modelos de aprendizagem e ensino?”, conduz a uma análise das características dos três modelos feita por categorias (descrição do modelo, designação curricular, modelo de ensino, caracterização do papel e função do professor e também do aluno), demonstrando de maneira prática e num quadro bastante esclarecedor como seria a aplicação do modelo em sala de aula, através de métodos para a aquisição de informações e métodos para o processamento e desenvolvimento de significado, inclusive com exemplos de planos de aula deste modelo.

A maneira como MacCullough expõe o seu conteúdo é acessível até mesmo a um leigo em pedagogia, mas não descamba para superficialidades. Faz um uso bastante adequado de gráficos e quadros explicativos, de modo que o panorama do conteúdo é exposto com clareza, embora seja sensível a falta de uma análise mais crítica do comportamentalismo e do humanismo, talvez pela proposta deste volume, que é essencialmente pedagógica e não filosófica.

O segundo capítulo é de autoria de Harro Van Brummelen, professor e diretor de pedagogia na Universidade Trinity Western, em Langley, Colúmbia Britânica, no Canadá, com o tema “O desenvolvimento do currículo” e determinadas perguntas-chave sobre objetivos e fundamentos dos programas das escolas cristãs (planejamento geral anual, organização e adaptação de planos de aula a cada classe, seleção de materiais apropriados para a classe e implantação eficaz de alterações curriculares).

Para o autor, o currículo deve “deixar claro para os alunos o propósito da humanidade – amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos”, e “oferecer aos professores a oportunidade de ajudar seus alunos a reconhecerem seus chamados e se envolverem como cristãos em nossa socie-

dade secular”. Através do quadro “elementos de uma visão bíblica de mundo com base na Bíblia”, oferece diretrizes e elementos para o desenvolvimento de um currículo de maneira muito adequada, tanto do ponto de vista conceitual, como formal. Ele descreve a história da revelação divina como núcleo de uma sucessão de círculos concêntricos, iniciando com a criação, queda, redenção e cumprimento, tendo como círculo imediato as injunções divinas (o grande mandamento, a grande comissão, a ordem da criação e o discipulado pleno em um novo céu e uma nova terra) e como círculo mais externo os valores bíblicos (“virtudes cardeais” e atitudes diárias práticas).

O terceiro capítulo – “A avaliação na escola cristã: filosofia e prática” – foi escrito por Timothy Heaton, professor de pedagogia e autor do manual sobre “Como escolher livros didáticos para escolas cristãs”, e Brian Coon, ambos ligados à Universidade Cedarville, em Ohio. Os dois autores dão ao tema uma importância crítica e basicamente desejam ajudar os educadores cristãos a “saber o porquê de darem notas aos alunos sob sua responsabilidade” e também saber “se há algum fundamento bíblico para as práticas que utilizam ao avaliar e dar notas”. As questões relacionadas à avaliação são numerosas e vão da precisão efetiva da avaliação até a real contribuição da avaliação, que entendem como sendo tornar o aluno aprendiz para o resto da vida através de uma forma bíblica de pensar, através da análise, da síntese e da avaliação do mundo sob o prisma da Palavra.

“O desenvolvimento da moralidade e do caráter” é o tema do quarto capítulo do livro, escrito por Milton Uecker, doutor pela Universidade da Virgínia e deão na Universidade Internacional de Colúmbia, na Carolina do Sul, cuja proposição básica do pensamento é de que “o ensino na escola cristã deve ter como objetivo conduzir o aluno para além da salvação, visando à sua formação espiritual e o crescimento do seu caráter”.

Portanto, o objetivo do ensino é “transformar o aprendiz”, o que, obviamente, contradiz os fundamentos filosóficos do construtivismo. O autor adota pressupostos do estudo de Krathwohl para falar da caracterização como sendo o “nível mais elevado de internalização”, no qual “o comportamento do aluno reflete um determinado conjunto de valores e demonstra uma filosofia de vida”, inclusive no que se refere ao “desenvolvimento afetivo”, em que “a moralidade e o caráter são formados por meio de um processo gradual semelhante ao crescimento cognitivo e ao desenvolvimento da fé”, pela articulação dos parâmetros afetivos, nos quais “o ponto de partida são os dez mandamentos, os frutos do Espírito, os preceitos de reciprocidade”.

Ele também dá ênfase à criação de uma comunidade atenciosa “que oferece aos alunos uma experiência de imersão à medida que os alunos trabalham e interagem com as pessoas e se voltam para os outros, experimentam em primeira mão o que é ter caráter”, e à atuação moral através da escola.

O tema da disciplina é extremamente polêmico e por isso o capítulo 5 do livro, que trata da filosofia e prática da disciplina, é particularmente útil. Escrito por Jerry Haddock, doutor em educação com especialização em administração educacional pela Universidade de Arkansas, o texto inicia reconhecendo a falta de preparo, de técnicas e principalmente de uma filosofia clara de disciplina para a maioria dos professores. Ele propõe a rejeição do construtivismo, que “repudia qualquer forma de disciplina, considerando-a arcaica, controladora e prejudicial” e explicita que “uma abordagem bíblica da disciplina abrange dois elementos distintivos essenciais: (1) o reconhecimento da natureza pecaminosa dos seres humanos e (2) a aceitação dos pais como figuras de autoridade primária na vida da criança”.

A proposta é de uma “abordagem relacional”, em que parcerias são feitas para alcançar resultados a partir das seguintes estratégias: “(1) conquistar através do respeito e da confiança; (2) fortalecer os relacionamentos através da comunicação eficaz”, por meio de normas fixas com recompensas e consequências flexíveis.

A criança excepcional na escola é uma realidade crescente nos dias de hoje e como não poderia deixar de ser, é um tema desafiador. É o tema de um dos capítulos mais técnicos do livro, sob a responsabilidade de Sharon R. Berry, autora profícua de várias publicações, inclusive programas de jardim da infância e pré-escola da ACSI.

Para ela, há uma ampla gama de excepcionalidades desde as mais leves e moderadas, tanto no aspecto físico-sensorial como no aspecto mental e emocional, e assim, para cada nível de excepcionalidade a escola é desafiada a oferecer “alguma alteração no seu programa educacional ao longo do ensino escolar”, através de “algumas abordagens possíveis para as diversas categorias de excepcionalidade”, inclusive distúrbios emocionais e TDHA (transtorno de déficit de atenção e hiperatividade).

O capítulo que conclui o livro é “Preparando nossos alunos para viver no mundo”, de James Braley, missionário itinerante em escolas cristãs e um educador experiente em vários serviços e funções na educação cristã. Para ele, “a marca do sucesso dos educadores de escolas cristãs é aquilo que os alunos dessas escolas e os jovens formados por elas estão fazendo no mundo”. A conclamação do artigo soa como um verdadeiro sermão convocatório para uma obra de formação de intelectos, mas especialmente de formação de vidas disponíveis na mão de Deus, ao afirmar que “a escola cristã deve se tornar a ponte que conduz ao ministério eficaz”.

De um modo geral, a obra consegue uma proeza rara neste segmento. No seu fundamento teórico é sólida e saudável. Na sua aplicabilidade prática é clara e útil. Voa mais alto do que a superfície plana de manuais pedagógicos, mas é acessível para gente que precisa manter os pés no chão e as mãos na obra.